

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Maria de Lurdes Jesus Santos**

registada em 2008-09-10  
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira



## **Maria de Lurdes Jesus Santos**

Maria de Lurdes Jesus Santos nasceu na Mata da Margaraça, mas é nos Pardieiros que sempre tem estado. O pai chamava-se Manuel dos Santos e a mãe Maria Delfina de Jesus. A mãe morreu e Maria de Lurdes diz ser do pai porque sempre viveu com ele. Teve dois irmãos. Desde pequena ia sempre para a fazenda, atrás do pai, “ajudava a tudo o que podia”. Aos 9 anos já andava com os animais, não tinha tempo para brincar. Só quando andava a guardar o gado é que faziam brincadeiras. Foi à escola por pouco tempo, aprendeu a ler e a escrever e depois saiu. Conheceu o marido quando ele andava de canastreiro. Namoraram com a autorização do pai e pouco tempo depois casaram, na Benfeita. Trabalhou na Mata da Margaraça “até à idade de uns 40 e tal anos”, mas foi sempre nos Pardieiros que viveu e se conheceu.

# Índice

|   |    |
|---|----|
| Identificação Maria de Lurdes Jesus Santos.....                       | 4  |
| Ascendência "Eu sou do meu pai, porque vivi sempre com ele".....      | 4  |
| Casa "Ainda lá está onde eu nasci!".....                              | 5  |
| Infância "Eu andava sempre na fazenda atrás do meu pai".....          | 6  |
| Educação "Tiraram-me de lá para fora e já não aprendi mais nada"..... | 7  |
| Religião "Aprendi as orações com o meu pai".....                      | 8  |
| Namoro "Eu ainda era nova, não queria casar".....                     | 8  |
| Casamento "Ele era pobre e eu também".....                            | 8  |
| Descendência "Tive-os cá todos em casa".....                          | 10 |
| Percurso profissional "Toda a vida trabalhei muito".....              | 13 |
| Costumes As tradições da terra.....                                   | 14 |
| Lugar "Era Aldeia de São Nicolau".....                                | 17 |

## **Identificação *Maria de Lurdes Jesus Santos***

O meu nome é Maria de Lurdes Jesus Santos. Nasci na Mata da Margaraça, mas para os Pardieiros é que eu vim. Tem sido sempre aqui que eu tenho estado.



**Maria de Lurdes Jesus Santos (anos 60)**

## **Ascendência *"Eu sou do meu pai, porque vivi sempre com ele"***

O meu pai chamava-se Manuel dos Santos e a minha mãe, lembro-me de ouvir dizer, era Maria Delfina de Jesus. Ela morreu quando andava o meu pai, que Deus tem, num lagar em Avô. Como ainda não havia telefone nem nada, tiveram que lá ir chamá-lo. Morreu no andar de baixo da casa onde vivo. Há muito tempo que a minha mãe já estava doente, mas não sei a doença que tinha, não me lembro de nada. Recordo-me apenas que lhe traziam fruta quando estava doente e ela dizia-me assim:

- "Queres comer!? Mas não comes, não!"

O meu pai era de Cernache do Bonjardim e, coitado, andava no campo, cavava terra e serrava lenha. Era serrador. Ia para as matas serrar pinheiros com umas serras grandes. Até chegou a ir lá para trás da serra. Quando isso acontecia, a minha segunda prima - chamava-a tia - é que olhava por os animais e por mim. Depois que a minha mãe morreu, nunca mais se casou, nunca mais quis nenhuma mulher! Eu sou do meu pai, porque vivi sempre com ele. Morreu com 82 anos, já há mais de 50.

### **"Constipou-se e ficou sempre rouco"**

*O meu pai contava-me que lá na terra dele andava nos bailes. Um dia, por causa das raparigas, ele e os outros rapazes lá se desavieram. A fugir dos outros, nas brincadeiras, o meu pai caiu para dentro de um poço onde esteve uma noute e dois dias! A salvação dele foi agarrar-se à parede até que uma senhora, que foi tirar água para os animais, o viu e começou a gritar. Ele agarrou-se ao balde e depois é que o puxaram para cima. Andou muito tempo que nem falava. Ficou até rouco! Constipou-se e ficou sempre rouco.*

Tenho um irmão. Eles eram dois, mas um morreu no caminho da Senhora das Preces. Ficou só um, que ainda está vivo. Já tem quase 100 anos! Está em Lisboa. Casou e foi novo para Lisboa trabalhar. Andou sempre por lá, não sei se a vender frutas, se quê. Vinha cá só de visita. Era assim. As pessoas saíam daqui dos Pardieiros e iam trabalhar para Lisboa, uns para uns empregos, outros para outros. E, em primeiro, não vinham para aqui como agora! Andavam por lá muito tempo. Depois vinham, passavam as festas e tornavam a ir para o trabalho, para ganhar dinheiro. Mas eu e o meu irmão somos filhos da mesma mãe, mas não do mesmo pai. A minha mãe já tinha sido casada. Depois, casou com o meu pai.

### **Casa "Ainda lá está onde eu nasci!"**

Morávamos na Mata da Margaraça, numa casita somenos. Ainda lá está, foi onde eu nasci! Nem sei se já está no chão, se não. Já há tanto ano... Tinha dois quartitos, uma salita, a cozininha e lojas por baixo, que era lugar para os animais. Tínhamos muitos chãos para cultivar. Andavam lá uns 15 caseiros e o meu pai, nessa altura que eu nasci, era também caseiro lá da Mata. E lá ficou sempre a fazer fazenda.

Depois, viemos para os Pardieiros. Eram duas casitas: a de cima ficou para o meu irmão e a de baixo era a minha. Só tínhamos uma cozinha, a salita e o

quarto. Mais nada. Quando o meu irmão vendeu, ficáramos então com a casa onde vivo agora. Depois subíramos, fizéramos então o andar em cima.

### **Infância "Eu andava sempre na fazenda atrás do meu pai"**

Eu andava sempre na fazenda atrás do meu pai. Ajudava a tudo o que podia. Comecei de pequenina a trabalhar e a fazer o comerzito. Às 11 e meia, meio-dia tinha que vir fazer o almoço. Depois, comecei a levar as refeições para o meu pai. Aprendi com ele alguma coisa. Ele cozia o pão, fazia o queijo, fazia tudo como uma mulher. E eu aprendia com ele.

Tínhamos porcos, ovelhas, cabras e eu, que remédio, andava com elas. Aos 9 anos já andava lá naquilo! Às vezes, no Inverno, a gente andava descalça em cima da geada e tudo! Mas não era difícil. O meu rebanho não era muito grande. Andavam habituadas com a gente.

### **"Ovelhas, que é delas?"**

*Um dia, o meu pai deixou as ovelhas fechadas só com uma cravelhazita. O vento, de noute, puxou-a e abriu-a. De manhã, chegáramos lá, ovelhas que é delas? Lá fôramos à cata delas. Andavam já lá no cimo, a virar para o lado do Enxudro. Depois lá vieram outra vez cá para baixo.*

*Noutra vez, guardamo-las para não as deixar ir para o renovo, mas elas fugiram e comeram lá um bocado de milho a uma senhora. Quando a gente foi a dar por elas, já andavam todas no meio do milho! Mas não eram só as minhas, também eram as dos outros vizinhos. A gente começou a chorar, mas ninguém nos bateu por causa disso. O milho tornou a rebentar.*

### **"Não tinha medo naquela altura"**

*Uma vez, o meu pai andava lá na Mata a cortar madeira e disse-me assim: - "Olha, vais a casa, tapas as galinhas e ficas lá para amanhã."*

*Eram nove horas da noute. Eu agarro na broa, tapo as galinhas, vou até "pia além"<sup>1</sup> sozinha. Quando cheguei lá, admiraram-se de eu ir! E não fui por um caminho. Fui por umas barrocas, porque havia lá uns tanques para a casa cabeira. E eu lá cheguei. Não tinha medo naquela altura.*

<sup>1</sup> por aí além

Algumas vezes, ia sozinha, outras vezes, íamos com companhia, porque havia lá muita gente. Naquela altura, havia muita gente na Mata da Margaraça e ainda se lá criaram alguns depois que eu me casei. Também lá viviam o "Zé Paródias", a irmã, as primas... Logo de manhã cedo, deitávamos os animais para a Mata e íamos para os lameiros. Havia lá bons lameiros. À tarde, tornava a ir para os animais e para a fazenda e vinha embora de noute. Sempre gostei de vir de dia para casa mas, às vezes, vinha sozinha.

Não tinha tempo para brincar. Então, eu é que andava "pia baixo"<sup>2</sup> a passear com os outros? Sabe Deus como eu passei a mocidade! Não tinha tempo para isso. Só nos animais, quando andávamos a guardar o gado, é que fazíamos brincadeiras. Botávamos a coser, a fazer que estávamos a fazer blusas; andávamos em cima dos cachapeiros; e fazíamos poças, pocitas onde a água andava a correr. Quando andávamos de companhia, começávamos a botar água e a ralhar umas com as outras. Andava naquilo com as raparigas e com a malta e, outras vezes, sozinha nestas brincadeirinhas. Outras coisas a gente não tinha.

## **Educação "*Tiraram-me de lá para fora e já não aprendi mais nada*"**

Fui à escola, mas por pouco tempo. Era aqui nos Pardieiros, no largo, ao pé da capelinha da Senhora da Saúde. Foi sempre naquela escola que andei. Vinha a pé da Mata da Margaraça e demorávamos aí um quarto de hora a chegar cá. Mais tarde, fizeram outra mais em cima. Foi onde os meus filhos aprenderam, mas já está também abandonada.

Já não me lembro bem das professoras, mas uma chamava-se dona Isaura. Ainda estive muito tempo em Côja. Era muito calma, nunca me bateu, mas aqueles que as mereciam levavam!

## **"Levámos todos"**

*Uma vez, estava ali uma velhota, e eles botaram-lhe um janelito para dentro de casa. Ela foi fazer queixa à professora. Nessa altura, todos diziam que não, que não, mas a gente sabia quem era. Depois levámos todos, porque ninguém queria dizer quem era!*

Não dava castigos grandes. Era muito boa professora. Tratava-me bem e era muito boa para me ensinar. Até aprendi depressa a ler e a escrever! Contas

<sup>2</sup>por aí abaixo

é que nunca dei nada. Só de somar e, às vezes, de diminuir ou assim. Poucas contas fazia, porque o tempo também foi pouco. Aprendi a ler e a escrever e depois saí. Tiraram-me de lá para fora e já não aprendi mais nada. Nessa altura, não era como agora. Havia que fazer e tiraram-me, mas eu já não me importava. Tanto se me dava andar num lado como andar no outro. Na escola, a gente brinca uns com os outros mas, tirando isso, tinha que brincar era com os animais e com as minhas coisas.

### **Religião "*Aprendi as orações com o meu pai*"**

Nem à catequese fui. Não tínhamos posses para isso e, como o meu pai era sozinho e eu fazia-lhe falta, nunca me lá pôs. E só ia à missa quando podia e quando me deixavam ir. Mas aprendi as orações com o meu pai, que Deus tem. Ele não era assim muito de rezar o terço, mas ensinava-me as orações que sabia e depois fui aprendendo. Gosto de ir à missa e apego-me a Nosso Senhor. Rezo o meu terço e as minhas orações todos os dias. Gosto dos santos todos, mas apego-me mais à Nossa Senhora de Fátima e ao Santíssimo Sacramento.

### **Namoro "*Eu ainda era nova, não queria casar*"**

Conheci o meu marido quando ele andava de canastreiro. Ele não era de cá. Veio para a Mata da Margaraça cortar madeiras. Nessa altura, estava lá um irmão dele e ele veio para lá também. Depois é que a gente se conheceu. Ele começou a falar para mim. Eu ainda era nova, não queria casar. Mas, é claro, o meu pai gostava de me amparar... Ele teve de lhe pedir autorização. Mas como lidava com ele, começámos a namorar. O meu marido não era má pessoa. Tomava-se era muito da pinga. Foi difícil a minha vida, mas já passou tudo. O namoro foi por pouco tempo. Ele tinha 25 anos quando nos casámos e eu ainda não tinha 18. Não é como agora que andam a namorar quase uma vida inteira. O que é que adianta? Casam-se, deixam-se logo...

### **Casamento "*Ele era pobre e eu também*"**

O casamento foi somenos. Casei-me na Benfeita e com um padre já antigo que, na altura, estava na Dreia. Foi um alfaiate de lá que me fez o fato: saia e casaco. Era um fato assim amarelado. O meu marido levou uma roupa escura, aos quadradinhos ou às riscas. Era uma roupa qualquer. Não era luxo como agora e nós também não podíamos. Ele era pobre e eu também... Quem me ajudou com

os preparativos foi uma cunhada minha, que estava cá, e o casamento foi aqui em casa. Foram umas quatro, cinco pessoas e o meu irmão nem cá veio. Eram só os meus cunhados, era ali o "Zé Paródias" e a irmã e pouco mais. Como estava frio nesse dia, fomos ali para uma fogueira de uma vizinha. Fizemos arroz-doce, carne fresca e tudo um pouco. Passámos lá a tarde e, pronto, acabou-se.



**Marcelino Costa, marido de Maria de Lurdes.**

O meu marido trabalhou sempre cá. Não sabia escrever, mas até aprendia. Se começasse a fazer, até aprendia, que ele conhecia as letras, mas os pais também nunca o puxaram... Cavava terra, rachava lenha, serrava, fazia todos os trabalhos. Andáramos muito tempo ali com o senhor doutor Fausto Dias. O meu marido tomava conta do serviço dele, das adegas, do vinho e ainda curávamos as videiras. Fazíamos o serviço e ele ganhava dinheiro.

Depois, ainda fazia os cestos e cestas até às asinhas. Devia ter aprendido com o pai lá na terra dele, porque eles eram uns 12 irmãos, e também eram todos canasteiros. Fazia-os com madeira de castanho. Tinha uma máquina, chamavam àquilo um banco, onde ele botava a madeira. Depois, com o podão, arranjava. Fazia os quadrados do cesto e ia botando correia "pia cima"<sup>3</sup> e fazia os cestos. Fazia as obras à noute. Depois, ia vendê-los a Côja e a Arganil, às feiras, quando

<sup>3</sup>por aí acima

não tinha que fazer. Às vezes, eu ia com ele. Perguntava-lhes se queriam um cesto ou qualquer coisa. E depois, é claro, vendia-se. Até se usava mais que agora, porque era com as cestas que a gente acartava estrume, batatas e tudo... Naquele tempo, era tudo barato. Hoje rendem mais, mas já não há quem faça nada também. Cá, por acaso, não havia nenhum canasteiro. Ainda disse para o meu neto mais novo:

- Aprende com o avô!

Um dia, ele foi ali estar a mexer numas correias, cortou-se, já não quis mais! Nenhum quis aprender, nem a arte do pai - a de colhereiro -, nem nada.



**Ricardo, neto de Maria de Lurdes Jesus Santos**

### **Descendência "*Tive-os cá todos em casa*"**

Tive os meus filhos perto uns dos outros. Alcancei logo quando me casei. Tinha aí uns 19 anos. O primeiro foi o mais reles, coitadinho. Morreu. Já vinha morto. Diziam-me que era de eu subir às cerejeiras. Eu subia-as muito bem. Depois, veio de sete meses, mas, por Deus, tive boa sorte. Podia até ter má. O

segundo morreu passados 15 dias. Não urinava. Fôramos baptizá-lo na Benfeita e depois fôramos com ele ao médico. Tivéramos que ir com ele ainda a Côja. Ao outro dia morreu. Foi enterrado em Dia de Todos os Santinhos. Era Mário.

Depois tive mais dois. Estão cá, à graça de Deus, e são muito bons para mim. Tive-os cá todos em casa. Nunca ia ao médico. Eles não vinham cá! Vinha uma mulher que já morreu, coitada, há uns poucos de anos. Chamava-se Nazaré. As filhas também já morreram, mas ainda cá há netas e sobrinhas. Era aquela mulher que ajudava os meninos a nascerem, porque ela sabia daquilo. Não sei com quem ela aprendeu, mas ela é que tomava conta. Quando alguma mulher estava grávida, ela é que vinha. Mais de resto nunca cá vinham médicos.



**Nuno, neto de Maria de Lurdes Jesus Santos**

### **"A arte dele é de colhereiro"**

A arte do meu filho Jorge, coitado, é de colhereiro. Nunca quis outra. Puxou-lhe a ideia para aquilo. Não quis a arte do pai, não quis aprender a ser canastreiro. Mas ele até aprendia depressa. Aprendeu de colheres com o padrinho, que também era colhereiro. Nessa altura, havia aí muitos, antigos. Chamavam um que era Alexandrino; era outro que era o Toino Cruz; era aqui um que era António Paulino. Esses eram os mais antigos. Com quem eles aprenderam, não sei. Quando nasci e comecei a abrir os olhos, já havia cá muitos colhereiros. Agora, claro, há poucos. Praticamente só aí está o meu filho, aqui o meu vizinho António e, lá abaixo, o que está na Casa do Povo, chamam-no

Mário. O mais, já cá não há nenhum. E tem sido a arte do meu filho. Tem estado cá sempre. Vai para as feiras. Ainda há pouco tempo estive em Arganil, mas ia lá só à noite.

### **"Ao outro dia do casamento foi-se embora"**

A minha filha está em Lisboa. Vive em Odivelas. Casou-se e, como o marido estava lá num restaurante, foi para lá também. Ao outro dia do casamento foi-se embora. Coitada, ficou em casa a tomar conta dos filhos. Tem galinhas, tem coelhos, tem lá três cães, tem dois gatos, tem lá um quintal... Com aquilo é que ela vive. Tem lá que fazer sempre. Lá se distrai. Mas tem dias que está até sozinha.



### **Os netos Jorge e Marina na comunhão solene do irmão Nuno**

### **"Os meus netos são muito bons para mim"**

Os meus netos são todos bons para mim. Todos! São muito bons para mim. Vêm cá ver-me. Ainda no outro dia cá vieram. O mais velho, antes da festa, esteve cá três dias ao pé de mim. E agora veio cá a mãe e o mais novo também.

Vieram a um dia, ao outro dia foram-se embora, porque têm lá os animais, não podem cá estar. Vêm, às vezes, até por o ano acima. Mas o meu Jorge está num restaurante também a trabalhar, não lhe dá para vir cá.

## **Percurso profissional "*Toda a vida trabalhei muito*"**

Andei na Mata da Margaraça até à idade de uns 40 e tal anos. Toda a vida trabalhei muito. A Mata era bonita em primeiro, mais bonita que agora. Havia tudo cultivado! Os chãos cheios de renovo! Eu tinha lá um chão que dava 4 arrobas de batatas, 45 alqueires de milho e 2 alqueires de feijão. Era a pensão que eu dava todos os anos para lá. Tínhamos renovo para a gente e ainda vendíamos às vezes. Acartávamos o milho para casa e depois tínhamos de acartá-lo para os moinhos na ribeira. Muito saco de milho e farinha acartei em cima das costas! Chegávamos a encher arcas de farinha para os animais. Agora já se criam porcos com sacos de farinha de ração. Já não é como dantes. A gente cozia paneladas grandes de comida para eles. Até cascas de feijão e botelha metíamos lá. Era um trote! Agora é muito diferente, criam os porcos sem custar.

Os dias de trabalho eram dias bonitos, que a gente tinha saúde. Começávamos de manhã, até à noute, sempre a trabalhar, sempre a trabalhar e nada metia medo! De manhã, íamos ao mato, tratávamos dos animais, fazia-se o almoço e levávamos à fazenda. Todos os dias tínhamos que levar o comer à fazenda. Eles, e o meu marido, andavam a cavar a terra. Nós tínhamos que levar o comer ao meio-dia. De tarde, tornávamos para a mesma vida. Ora sachar milho, ora regar, ora cortar bandeiras... Depois secava-se o milho. Estas eiras "pia cima"<sup>4</sup> era tudo cheio de milho. Este ano ainda semeei no meu quintal. Ainda tenho ali umas seis ou sete espiguinhas de milho, mas agora está tudo cheio de erva "pia baixo"<sup>5</sup>, porque o javali come tudo. Não se cria aí nada.

Reformei-me por invalidez, ainda não tinha a idade, porque trazia um problema comigo. Até estive lá num hospital e tudo. Depois logo veio o dia que eu fui para a reforma. Mas ainda fiquei um mês de espera, porque eu tinha uma consulta marcada para ir ao médico. Se eu não digo que tinha consulta marcada, reformava-me logo esse dia. Mas disse que tinha recebido uma carta para ir ao médico... fiquei à espera ainda quase um ano. Mas depois lá me reformaram.

<sup>4</sup>por aí acima

<sup>5</sup>por aí abaixo

## Costumes *As tradições da terra*

### "Havia aqui boas festas"

As festas antigamente não se comparam com agora. Eram muito mais bonitas. A festa era da Nossa Senhora da Saúde e dos santinhos todos que estão na capela. Está o São Nicolau, a Nossa Senhora de Fátima, a Rainha Santa Isabel, a Santa Teresinha, o Santo António, a Nossa Senhora da Boa Viagem, o Santo Benedito e o São Bartolomeu. Enfeitavam-nos todos quando era por a festa. Até lá estão as florzinhas todas. Este ano ouvi dizer que mandaram vir cá uma florista e botaram flores artificiais, mas antigamente eram as mordomas que tratavam disso. Juntavam-se duas raparigas. Umas flores eram arranjadas, outras eram de cá dos jardins. Todas as mulheres ajudavam.

De manhã, era alvorada de foguetes. Muitos! Em primeiro, a gente saía, ouvia os foguetes e dizia:

- Olha, é festa em tal banda!

Depois, vinha a música. Agora não se ouve nada, não se sabe quando é festa.

A seguir, era procissão, que corre o povo todo em roda. Vai à Senhora da Saúde e depois volta para cá. A procissão até é grande e bonita! Agora já metem mulheres na procissão. Antigamente era mais somenos, era só os homens. Depois, começou a afracar, a haver menos homens, e elas começaram a meter os cabeções e vão também. Têm uma opa branca, metem o cabeção por cima e vão numa irmandade. É a farda da Irmandade. Havia aí uma mulher, que já morreu também, que fazia aquelas opas e os cabeções.

Eu nunca quis cabeção nem nada. E era muito raro ir às festas. Ia ver ali a procissão quando vinha para cima e depois vinha para casa, porque havia sempre pessoal para comer. Fazia cá a minha vida. Sempre fiz muito comer e gosto de fazer comer mas, quando era pelas festas, fazia sempre qualquer coisa diferenciado. Só à noute é que saía, quando era dos arraiais.

Chegavam aqui a fazer muitos bailes! Em primeiro, era no Largo da Senhora da Saúde. Aquele largo grande chegava a ser atacadinho de gente. Ainda me lembro que até lá andava uma mulher do Monte Frio, que já morreu também. Tinha um totó no cabelo, uma coisa enorme, e cantava tão bem! Eram muitos cantos de fados e tudo. Naquele tempo havia aqui boas festas, até aqui à minha porta. Era muito divertido.

Para a mocidade nova, para os mais novitos, nas vésperas da festa ou ao outro dia da festa, havia o jogo do chinquilha e da malha. Às vezes, também

chegavam a meter sacos nos pés. Enfiavam os sacos até à cinta e depois andavam a sapejar, a sapejar para ganharem medalhas.

Este ano ainda fizeram aí uma "festelha", mas não fui lá ver. Não saí daqui de minha casa. Está tudo a afracar... Os novos não querem entrar, os velhos acabam... Isto chega a pontos que acaba tudo.

## **Carnaval**

Quando era por o Carnaval, chegavam a andar aos oito dias antes a fazer bailes aqui nestas casas "pia cima"<sup>6</sup>. Tapavam a cara com fatos antigos, compridos, conforme calhava. Todas faziam baile! Tocava a música e dançavam até umas tantas da madrugada. O meu filho tinha até cassetes de fados que eram um encanto ouvi-los. Já todos morreram. Só cá há três a cantarem. Saltávamos as fogueiras e tudo. Uma vez, o meu homem até andou ali, descalço, em cima da fogueira, a dançar! Eu nunca dancei. Nunca fui em pé de bailes. Nem nunca me vesti. Nunca fui muito de palhaçadas.

## **Serrar a Velha**

Na Quaresma havia um dia, nem estou certa bem o dia que é, para serrar a velha. Rapazes e raparigas juntavam-se todos e andavam por as portas dos mais idosos a dar a novidade. Depois juntavam umas serritas velhas e a serrar diziam:

- "Ó velha! Ó velha! Já te vai chegar ao umbigo! Ó velha! Já te vai chegar ao nó!"

E começavam a serrar! O meu vizinho aqui, esse afinava. Quando vinham cá, botava-lhes água para cima e via-os fugir. Depois tornavam a vir. Havia pessoas que ficavam zangadas, outros não e outros até ainda vinham ajudar. Mas estes eram lixados para isso. Era aqui um papelinho! Eram coisas engraçadas que havia. Agora já passa despercebido que já nem se sabe quando é.

## **Natal**

O Natal era como os mais dias. Comíamos todos juntos. Em primeiro, juntavam-se as famílias em casa, quando calhavam a vir. Depois que a minha filha comprou casa, já passam lá mais o tempo. Fazia-se o bacalhau com as couves e qualquer coisa mais diferenciado.

<sup>6</sup>por aí acima

No largo, faziam sempre uma fogueira grande. Era a fogueira do Natal. Acendiam-na à meia-noute e chegava a estar acesa até Dia de Reis. O meu pai até guardava sempre um madeirinho dessas noutes para, quando vinha a trovoad, botar na fogueira. Era muito bom para a trovoad. Era a antiguidade. Ainda agora, quando é o Primeiro de Maio, a gente vai buscar umas giestinhas floridas. Bota-as à porta e estão aí oito dias. Aos oito dias guarda-se. Tenho-as ali guardadas para, quando vem a trovoad, botar uma pontinha no lume.

Às vezes, ainda se botavam a cantar as Janeiras. Era uma festa para a malta nova. Os garotitos é que andavam pelas portas a pedir as Janeiras por um lado e por outro:

- "Ó fulana, dá-me as Janeiras!"

E depois a gente dava-lhe uma chouriça, dava-lhe uma moeda, dava-lhe uns bolos ou que queria.

## **Doces típicos**

Aqui, fazia-se a tigelada. Partem-se os ovos e depois batem-se bem batidos. Eu quito sempre um bocadinho de leite numa tigela e depois mistura-se tudo. Bota-se-lhe o açúcar, umas pinguinhas de sal, mexe-se bem mexido e vai para o forno.

A tapioca também é boa de se fazer. A gente bota a tapioca, nas vésperas, num bocadinho de água, que é para ela se moer e ficar melhor. Ao outro dia, a gente bota-lhe o leite, o açúcar e um bocadinho de limão, mas o limão é quase só no resto. Depois, mexe-se bem a deitar sempre. Tem que estar sempre a mexer. Mas aquilo faz-se depressa.

Mas gosto mais de arroz-doce. Põe-se a água ao lume. Estando a ferver, mete-se-lhe o arroz para dentro. Quanto ao açúcar, a gente tem de pôr a porção que quer. Se por acaso é 1 quilo de arroz, bota meio quilo de açúcar. Então, bota-lhe uma pedra de sal e o leite. E depois está-se a mexer. Mexe-se, vai-se mexendo até estar cozidinho. A gente, se quer, bota-lhe mais um pinguinho de leite, que é para ele não ficar assim muito rijo. No fim, bota-se para os pratos e põe-se a canela.

## **Matança do Porco**

Mais ou menos por altura do Inverno, pelo Natal ou assim, matávamos o porco. Agora só cá está o meu vizinho António, que tem um porquito, e o Toino da Moira, o filho do "Zé Paródias", que tem em baixo umas casitas com os animais também: porco, cabras, galinhas e coelhos. Mas, nessa altura, tudo tinha

animais. Todas as casas, pode-se dizer, tinham porcos. Cheguei a ter até dois! No dia da matança, juntávamos quatro ou cinco pessoas para o agarrar e matavam-no. Era um homem que o fazia, mas até o meu filho já matou alguns. Prendiam-no, deitavam-no, agarravam-no, metiam-no em cima de um banco, espetavam-lhe uma faca, pronto, tratavam dele. A gente enchia as chouriças, botava-as num caniço (umas varas que tínhamos na cozinha, em cima), pendurávamos ali e todos comiam.

### **"No tempo do sacho do milho"**

Antigamente, no tempo do sacho do milho, juntávamos às dez e 11 mulheres e mais! Às vezes, de tarde, era um rancho! Depois cantavam. Era trabalhar e brincadeiras poucas tínhamos, mas, é claro, quem era novo sempre puxa para a brincadeira. Quando, às vezes, havia espiguinhas pretas, botavam-se a abraçar e a beijar as pessoas! Era engraçado. Mas, mesmo nessa altura, havia pouca mocidade, pouca rapaziada. E eram mais mulheres que homens. Eram tempos mais bonitos, que havia mais gente para trabalhar e andava tudo na fazenda. Agora não se ouve nada e não se vê ninguém na fazenda.

### **Lugar "*Era Aldeia de São Nicolau*"**

#### **"Remediávamos conforme podíamos"**

Para termos água em casa, íamos ali à fonte velha. Tínhamos alturas em que a água era muito poucozinha. Vínhamos da fazenda à noite e queríamos ir depressa. Mas quando chegávamos lá, as escadas estavam todas cheias de gente! Víamo-nos perdidos para encher o cantarito. Para lavar roupa, era no tanque. Se havia lugar, lavávamos. Se não lavávamos, deixávamos lá a roupa e vínhamos embora. Também não havia luz. Era a candeeiros a petróleo. Ainda tenho numa salita um a gás. Remediávamos conforme podíamos.

Antigamente, o Inverno era mais Inverno que agora. Havia muitas nevadas. Uma vez, tivéramos os animais sem comer até às tantas do outro dia. De manhã, não fôramos tratar deles. Começou a nevar uma neve seca que colheu tal altura, que o meu pai teve que voltar para trás. Já não conseguiu ir tratar dos animais. Em casa, acendíamos a fogueira. Eu, toda a vida, tive a minha fogueirinha. Agora é fogão, mas ainda tenho ali uma fogueirita que era também onde secávamos as chouriças, quando se matava o porco.

## **"Era barbeiro, mas era um médico dos bons"**

Sempre houve médicos, mas muito poucos. Agora há mais. Quando uma pessoa está doente vai daqui para Arganil. Lá, se se entendem com a pessoa, muito bem, se não entendem, mandam-nos para Coimbra. Naquele tempo, não havia estradas e mesmo os correios que andavam por as terras era a pé que faziam as coisas. Mas havia um médico bom. Era o José Augusto Martins, chamavam-no "Linhaça", que era da Benfeita. Bem, ele não era médico, mas sabia mais que alguns médicos. Era muito atencioso e eu gostava muito dele. Já me curou a mim!

## **"Deu-me uma dor nas costas, cheguei mesmo a afanar!"**

*Uma vez, deu-me uma dor nas costas. Andava muito mal, cheguei mesmo a afanar! Uma comadre minha, que ia para Côja com a filha, queria que eu fosse também, mas eu não. Ia com aquela ideia de ir para ele. Fui daqui direita à Benfeita. Nessa altura, já havia a Casa do Povo lá. Eu cheguei, ele escutou-me e diz-me assim:*

*- "Oh, como você vem! Você tem uma paralisia."*

*- Não sei. Eu constipei-me. Com certeza não sei de que foi. - disse eu assim.*

*Depois ele deu-me logo ali uma injeção e uns comprimidos e disse:*

*- "Você, no sábado, vai ali ao médico."*

*Depois, é claro, todos os dias andei a correr para lá. Chegou-se o sábado, fui ao médico. O médico disse-me o mesmo como ele disse e receitou-me a mesma coisa. Depois ainda andei muito tempo a tomar medicamentos mas, por Deus Nosso Senhor, até hoje nunca mais tive nada.*

Ele era barbeiro, mas era um médico dos bons. Depois ficou o filho também. Chamam-no António "Minas". Ainda está vivo mas anda numa cadeira de rodas já. Ainda há pouco tempo, cá veio a neta trazer o almoço a um casal que vai comer ao lar. É a Adélia, que também ainda aprendeu muitas coisas com ele.

## **Ralhadores**

Havia aqui um homem, que era meu compadre e padrinho do meu filho, que chamavam de "Esturrado". Ele dizia que estavam as fatias esturradas e botaram-lhe o nome. Outro, chamavam-no "Penanga". Era boa pessoa também. Foi o que me andou a pintar a casa. Chamavam-no "Penanga" porque quando era as

peneiras de peneirar a farinha, ele dizia que vinha lá o "penangueiro". E botaram-lhe o nome "Penanga". Mas de resto havia certos nomes que eu nem percebo. Há também um nome pelas terras todas, não sei bem distinguir isso. Aqui chamavam "Ralhadores". Não sei porquê. Eles, discutir, discutem em todo o lado! Tanto faz ser no Sardal, como na Benfeita, como nos Pardieiros.

### **"A nossa terra é diferente"**

Nasci cá e conheci-me sempre aqui. Sempre, sempre, sempre. Nunca saí daqui praticamente. Para mim, a aldeia é sempre a mesma coisa, porque eu toda a vida aqui estive. Nunca vivi noutro lado e daqui só ali para o cemitério. Já fui a Lisboa umas três ou quatro vezes, porque a minha filha casou-se e foi para lá. Ao princípio ainda lá fui. Agora não, porque os filhos estão a trabalhar, o marido também e ela é que está a tomar conta lá da casa e do quintal. E, é claro, para virem para aqui, não podem lá estar. Vêm a um dia e vão ao outro. Não digo que não vá lá a Lisboa.



**Luís, neto de Maria de Lurdes Jesus Santos**

Ainda aqui há tempos, fui lá estar três dias com um neto meu. E agora, em qualquer altura que eu lá possa ir, que me levem, que eu não vou lá ter!

A nossa terra é diferente. A freguesia é da Benfeita. Nós somos dessa freguesia: Pai das Donas, Luadas, Dreia, Deflores, Relva Velha, o Sardal, Enxudro e, então aqui, Pardieiros. Está a Fraga da Pena, está a Mata da Margaraça e nós estamos no meio. Antes, era Aldeia de São Nicolau. Depois botaram Pardieiros, e ficou sempre assim. Agora até botaram ali, em baixo, na estrada, uma placazinha. Às vezes, passam aí ranchos que eu nem conheço ninguém! Tem passado aqui muita gente, aqui por baixo. Deixam os carros na Fraga da Pena, vêm por aqui dar uma volta e depois seguem.